

TEMPO DE REVOLUÇÃO

04 DE NOVEMBRO DE 2021

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DA ESQUERDA MARXISTA, SEÇÃO BRASILEIRA DA CORRENTE MARXISTA INTERNACIONAL (CMI)

EDIÇÃO 12

O capitalismo não pode salvar o planeta



COP26: Encenação capitalista e promessas vazias

No último domingo, 31 de outubro, iniciou-se em Glasgow, Escócia, a COP26 (Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas).

Durante o encontro, os países têm assinado acordos se comprometendo com metas de redução de emissão de gás carbônico, metano e do desmatamento, com o objetivo declarado de conter o aquecimento global e impedir que a temperatura média do planeta se eleve acima de 1,5 °C em relação ao século XIX.

O fato é que as mudanças no clima têm provocado incêndios, inundações, secas e ondas de calor ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, protestos massivos em defesa do meio ambiente ocorreram em diferentes países nos últimos anos. Estima-se que em 2019 6 milhões de pessoas participaram de protestos do movimento "Fridays for Future", as greves de estudantes contra as mudanças climáticas.

Entre promessas e a realidade

Entre as promessas firmadas pelos governantes na COP26 e as ações concretas há uma longa distância. Assim como o Acordo de Paris (2015), o que os governantes assinam são intenções, que podem ou não cumprir, e não sofrerão nada se não cumprirem as metas estabelecidas. O Brasil, por exemplo, acabou de assinar na COP26, sob pressão internacional, o acordo para redução de emissão



de metano. No entanto, não existe nenhum plano de como isso será feito e, como sabemos, o governo Bolsonaro incentiva o agronegócio, a extração predatória de riquezas naturais e o desmatamento, ou seja, tudo o que vai na contramão da redução da emissão de gases do efeito estufa.

Nem Bolsonaro, nem Biden, nem Macron, nem a ONU estão, de fato, comprometidos com a preservação do planeta. Estão todos empenhados na defesa do capitalismo e este sistema, baseado na propriedade privada dos

meios de produção e nos Estados nacionais, é incapaz de planificar globalmente a produção e distribuição de mercadorias de maneira "sustentável" para satisfação das necessidades humanas. Cada corporação capitalista busca elevar seus lucros no

menor prazo possível e com o menor custo possível, independente dos riscos ambientais envolvidos. Os desastres em Mariana e Brumadinho são um bom exemplo disso. O "ecocapitalismo" não passa de uma ilusão, ou um bom discurso demagógico para políticos, ou mesmo um lucrativo negócio.

A regulação das emissões de gás carbônico sob o capitalismo significou a criação de um novo mercado, o de créditos de carbono, em que países compram e vendem créditos de emissão do gás. Um mercado que tem movimentado bilhões de dólares.

A mudança da matriz energética de fontes que emitem CO₂ (petróleo, gás, carvão etc.) para fontes renováveis envolve altos custos

e esbarra em interesses de grandes empresas e nações. Ao mesmo tempo, as fontes alternativas de energia se tornam um novo mercado e o fato é que elas não são tão "limpas" sob as mãos dos interesses privados. As usinas de energia solar matam pássaros a depender de onde instaladas e as placas, com vida útil média de 25 anos, quando descartadas de maneira inadequada contaminam o solo e a água com silício, cobre e chumbo. A energia eólica também tem impactos ambientais, causando mortes de animais e alterações no ecossistema. As usinas hidrelétricas, majoritárias no Brasil, também são conhecidas pelos impactos ambientais e sociais gerados pela inundação de áreas para criação dos reservatórios. Essas fontes renováveis de energia, a serviço dos lucros de grandes empresas, também são fontes de prejuízos ao meio ambiente.

O problema é o ser humano?

Entre os que não levam em conta as questões de classe envolvidas na luta em defesa do meio ambiente e que não conseguem olhar para além dos limites do capitalismo, é comum colocar a culpa pela crise ambiental no ser humano em geral ou na ação humana no planeta. Para muitos destes, o problema central seria a existência de muitos seres humanos e seu hábito consumista. A solução, portanto, seria combater o consumismo (e não o capi-



No cartaz ao lado lê-se: Capitalismo está matando o planeta. Lute pela revolução socialista

EXPEDIENTE

TEMPO DE
REVOLUÇÃO

Diretor de Publicação: Serge Goulart
Editor: Evandro Colzani
Conselho Editorial: Alex Minoru, Bruna dos Reis, Caio Dezorzi,

Flávio Reis, Johannes Halter, Lucy Dias, Luiz Bicalho, Maritania Camargo e Serge Goulart
Comitê de Redação: André Mainardi,

Flávia Antunes, Francine Hellmann, Henrique de Macedo, Mariana Rosa, Michel Silva, Michelle Vasconcellos e Mateus Tavares

Diagramação: Henrique de Macedo
Capa: Evandro Colzani
Jornalista Responsável: Rafael Prata
MTB nº 40040/SP



talismo), ou mesmo reduzir a população mundial. Para os que seguem esse raciocínio, a pandemia do coronavírus provavelmente foi algo positivo.

Tais ideias, no fundo, retomam os argumentos reacionários apresentados por Thomas Malthus, economista do início do século XIX, que afirmou que a fome, a pobreza, as doenças e a mortalidade generalizadas eram o resultado da “superpopulação”. No entanto, aqueles que, como Malthus no passado, veem o crescimento da população como um problema intransponível ignoram a possibilidade de desenvolvimento das forças produtivas livre das amarras do capitalismo, tornando possível a satisfação das necessidades humanas de maneira harmoniosa com o meio ambiente.

Os que colocam a culpa no consumo focam como solução as ações individuais. Cada um deve comprar menos, reciclar seu lixo, comer menos carne ou não comer carne, comprar produtos “verdes” etc. Defender que essa é a solução é distrair as massas do real responsável pela crise ambiental: a burguesia e seu sistema. No mundo, 100 grandes empresas são responsáveis por 70% das emissões de gases de efeito estufa, e apenas entre 3% e

10% do lixo nos países capitalistas avançados é produzido pelas residências. O restante é resultado principalmente de processos industriais em larga escala, da construção e da mineração.

Há um sistema que luta com a obsolescência programada e bombardeia diariamente as massas com propagandas para criar novas necessidades e assim elevar o consumo e fazer a economia girar. Não há como melhorar ou regular o capitalismo, é preciso derrubá-lo.

A tarefa dos socialistas na defesa do meio ambiente

Os marxistas lutam em defesa do meio ambiente compreendendo a necessidade da transformação

radical da sociedade para que, de fato, seja interrompida a caminhada em direção à destruição da natureza e da vida no planeta, parte da caminhada em direção à barbárie proporcionada pelo capitalismo.

Assim como na pandemia, as vítimas centrais dos desastres ambientais são os mais pobres e o proletariado.

Estamos juntos com os jovens que tem saído às ruas contra as mudanças climáticas, apontando a necessidade de uma plataforma de classe, que conecte a luta em defesa do meio ambiente com a luta da classe trabalhadora e a luta pela transformação revolucionária da

sociedade. Algumas demandas que consideramos necessárias neste combate:

- *Prisão dos que provocam queimadas ilegais e confisco de suas terras.*

- *Estatização do transporte público, incluindo ferrovias, ônibus e serviços de carona. Investimento em larga escala em transportes públicos ecológicos, acessíveis e integrados.*

- *Reestatização das empresas de eletricidade, gás e água. Investimento em massa em energias renováveis.*

Para combater a destruição ambiental no Brasil e no mundo, é preciso um plano socialista de produção

- *Estatização dos bancos, terrenos de especulação e grandes empresas de construção, a fim de construir habitações sociais de qualidade e realizar um programa de restauração dos edifícios existentes.*

- *Nenhuma compensação para ex-proprietários de empresas estatizadas. Controle e gestão democrática dos trabalhadores das indústrias estatizadas.*

- *Um plano, liderado por trabalhadores, para fazer a transição de setores poluentes para indústrias não poluentes.*

- *Colocar todos os recursos naturais – minas, rios e florestas – sob propriedade pública e controle democrático dos trabalhadores. Por um programa mundial de reflorestamento e despoluição de rios.*

Para combater a destruição ambiental no Brasil e no mundo, é preciso um plano socialista de produção, uma economia baseada nas necessidades da sociedade e não nos lucros. Isso deve envolver a propriedade pública e o controle dos trabalhadores sobre os principais recursos econômicos, incluindo bancos, transportes, setor de energia, serviços públicos e os principais monopólios industriais. É parte central desse combate hoje, no Brasil, a luta para pôr abaixo o governo Bolsonaro e abrir caminho para um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais.



CONFERÊNCIA NACIONAL DA LIBERDADE E LUTA PREPARA OS PRÓXIMOS PASSOS DE NOSSA ATUAÇÃO NA JUVENTUDE

| Lucy Dias

Em 2021 a Coordenação Nacional da Liberdade e Luta, impulsionada pela Esquerda Marxista, decidiu retomar a construção de núcleos de base, com o objetivo de criar e desenvolver suas raízes no movimento estudantil universitário e secundarista, bem como entre a juventude trabalhadora. Atividades de discussão teórica, conjuntural, histórica e ações foram desenvolvidas de julho a outubro para estabelecer os primeiros núcleos e preparar a participação na Conferência Nacional da Liberdade e Luta, realizada em 23 de outubro.

A atividade reuniu cerca de 100 camaradas de vários estados do país, sendo a maioria composta por militantes da Liberdade e Luta e seus simpatizantes. A maior parte das conexões foram individuais, mas em Joinville/SC e em Bauru/SP os camaradas organizaram pequenas delegações para assistir presencialmente a conferência.

São notáveis o entusiasmo e a grande disposição que essas atividades presenciais deram aos nossos camaradas nesses locais. Isso mostra que devemos buscar ao máximo realizar as próximas atividades da Liberdade e Luta até o final do ano de forma presencial, com panfletagens nas escolas, terminais e locais de trabalho, assim como rodas de conversa em praças e parques, seguindo sempre as recomendações sanitárias para a segurança de todos.

Essas atividades agora contam com um importante aporte teórico e de análise, com as quatro resoluções que foram aprovadas e que apontam o caminho para nossa atuação no próximo período.

A Resolução de Conjuntura responde às questões da crise capitalista e de suas contradições. Também explica por que Bolsonaro e seu governo não caíram ainda em meio a tanta insatisfação, aponta as perspec-

tivas para 2022 e um possível governo Lula, bem como fala da continuidade de nossa luta para agrupar jovens combatentes por “Abaixo Bolsonaro Já, por um governo dos trabalhadores sem patrões nem generais”.

Essa resolução aponta como perspectivas de ação as calouradas de 2022, a edição de uma brochura sobre a história das revoluções latino-americanas, o lançamento de um novo site para melhorar nosso trabalho de propaganda virtual e discussões sobre a tática da Frente Única e URSS.

A Resolução sobre Jovens Trabalhadores, escrita a partir da “Resolução da IV Internacional Sobre a Juventude”, aponta um conjunto de demandas transitórias, o combate à integração dos sindicatos ao Estado e os eixos para nossas ações.

A Resolução sobre Jovens Secundaristas parte do passado e da história recente das lutas secundaristas, além da situação atual dessa importante camada da juventude estudantil, para estabelecer as demandas transitórias de atuação, os métodos e tradições que podemos aprender com o movimento operário. Aponta ainda eixos de ação centrados no combate à aplicação da Reforma do Ensino Médio, na consolidação de material de apoio teórico às reivindicações secundaristas, bem como na organização de grêmios estudantis com os princípios dos sindicatos de estudantes.

A Resolução sobre Jovens Universitários analisa a situação decadente da produção científica e das universidades sob o imperialismo e aponta a luta intransigente contra os cortes e ataques do governo Bolso-

narro à educação e ciência, na linha de defesa da educação pública, gratuita e para todos. Também trata sobre o combate às ideias pós-modernas e anticientíficas nas academias a partir do estudo do marxismo, bem como sobre o combate à situação de paralisia do movimento estudantil, devido à política traidora das direções estudantis.

Essa resolução também aponta como tema para o 3º Seminário em Defesa da Educação Pública, Gratuita e para Todos os temas “o combate à aplicação da Reforma do Ensino” e “pedagogia do oprimido ou marxismo”.

Nessa Conferência Nacional da Liberdade e Luta também ficou evidente a necessidade de ampliar nossa elaboração sobre temas teóricos ligados à educação. Vamos organizar o 3º Seminário sobre Educação para 2022, onde a pedagogia de Paulo Freire será um dos temas centrais. Além disso, tomaremos como tarefa a elaboração de uma série de artigos preparatórios sobre nossa análise da obra de autores como Vygotsky, Demerval Saviani etc.

Essas resoluções e temas serão cuidadosamente refletidos e planos de trabalho serão organizados pela nova Coordenação Nacional (CN) da Liberdade e Luta, eleita durante a conferência. Para desenvolvermos a aplicação prática das resoluções, a CN organizará uma divisão de responsabilidades entre seus membros e preparação de subcomissões necessárias para promover o trabalho nas redes sociais, entre outros meios.

Por fim, realizamos uma vitoriosa coleta para o lan-

çamento da brochura comemorativa de cinco anos da Liberdade e Luta. A cartilha “Sou Liberdade e Luta” conta nossa história em 70 páginas e é o mais novo material de apresentação da nossa organização. Por enquanto, ela está disponível em PDF e em modo de apresentação virtual, pelo Yumpu. Você pode nos ajudar a financiar esse material e nossas ações [comprando um exemplar no site da Livraria Marxista](#) ou com algum camarada.

Como parte da retomada segura das atividades presenciais para o próximo ano temos a perspectiva da impressão das mais recentes brochuras da Liberdade e Luta. Esses materiais vão ajudar a compor bancas nas escolas, universidades, praças e locais de trabalho, além de autofinanciar nossa organização, garantido independência total da burguesia e enraizamento entre jovens e trabalhadores com uma perspectiva revolucionária e socialista.

A conferência foi um importante passo para o desenvolvimento da nossa atuação junto à juventude; não só em termos de elaboração, mas também da experiência de uma nova camada de camaradas jovens, que estão se destacando como dirigentes em formação.

Sememos nessa conferência. Com um trabalho paciente e sistemático, vamos colher os frutos no próximo período!

* O relato publicado é uma versão reduzida. Para ler o artigo completo, acesse www.liberdadeeluta.org



Esquerda Marxista impulsiona chapa de oposição no núcleo sindical de Cascavel da APP-Sindicato

Conheça o manifesto difundido pela chapa “APP de Luta e Pela Base: A mudança que precisamos!” aos trabalhadores em educação do Estado do Paraná na regional de Cascavel

| Esquerda Marxista (Paraná)

O grupo político que dirige a APP-Sindicato há décadas dá claros sinais de que não é mais capaz de mobilizar a categoria para lutar contra a retirada de direitos e por suas reivindicações mais sentidas. Essa incapacidade é fruto de uma adaptação, de longo prazo, da atual diretoria à estrutura sindical vigente, que substituiu a luta dos trabalhadores de forma independente pela política de colaboração de classes, de acordos pelo alto e pela tremenda burocratização das instâncias do sindicato. A “política do cafezinho” no lugar da organização por local de trabalho, os acordos de gabinetes no lugar

da mobilização da categoria e o controle burocrático do sindicato ao invés de dar voz e protagonismo aos trabalhadores em educação.

É preciso reverter essa situação. É necessário devolver a APP-Sindicato aos trabalhadores em educação. A APP-Sindicato precisa voltar a ser um instrumento de luta independente de patrões e governos.

A insatisfação com a forma como a atual direção da APP-Sindicato conduz as greves e a luta contra o governo é facilmente percebida entre os membros da categoria. Isso reflete no alto índice de dessindicalização e no afastamento de muitos colegas das lutas.

Invariavelmente, a direção da APP-Sindicato aponta os educadores, que estão diariamente no chão da escola, como responsáveis pelas derrotas. Nada mais falso. Não percebem estes dirigentes, que são eles próprios os culpados por conduzir os trabalhadores às derrotas.

Exemplos de greves massivas que foram abruptamente interrompidas pela direção, sem nenhuma conquista ou resposta efetiva, são vastos. A categoria está cansada de entrar em luta e voltar “com uma mão na frente e a outra atrás”, sentindo-se abandonada pela atual direção da APP-Sindicato. É necessária uma nova direção, realmente comprometida com a categoria, que leve a luta até o fim e não abandone os trabalhadores em educação no meio do caminho.

Outro elemento que amplia a insatisfação da categoria com a atual direção da APP-Sindicato é a falta de autonomia da entidade em relação aos partidos políticos. Quem deve definir as ações da categoria são os trabalhadores nas instâncias de decisão do sindicato. Os interesses dos trabalhadores não podem ser sobrepostos por interesses eleitorais do grupo político que controla o sindicato, definidos nos gabinetes.

É evidente que em períodos eleitorais é preciso tomar posição. Afinal, não é possível ficar neutro. Porém, somos contrários ao jogo eleitoral. Fazemos questão de destacar que não somos uma chapa “apartidária” ou “antipartidária”. Somos a favor da democracia dos trabalhadores. Defendemos que os trabalhadores sejam livres para participar de partidos, agrupamentos políticos e também atuar de forma independente. Porém, quem deve dar a última palavra são sempre os trabalhadores e não os parlamentares que dizem representar a categoria.

Compreendemos que é necessária a mais ampla democracia e unidade para a luta e, nesse sentido, defendemos a bandeira da frente única, fortalecendo o sindicato por meio da união de todas as forças que estejam dispostas a participarem da luta efetiva contra a retirada de direitos e pelas reivindicações.

Por essas e outras razões é que buscamos neste período eleitoral da APP-Sindicato apresentar uma chapa de oposição à situação, como alternativa política para a categoria dos educadores. Pro-

A construção dessa chapa e dessa frente de oposição conta com educadores e trabalhadores de base que sempre tomaram parte ativa na vida do sindicato. (...) O primeiro passo é devolver à categoria o controle sobre o sindicato.

posomos organizar uma luta pela renovação nos quadros de nossa direção sindical, tanto na instância regional como também estadual.

A construção dessa chapa e dessa frente de oposição conta com educadores e trabalhadores de base que sempre tomaram parte ativa na vida do sindicato. Entendemos que neste momento crítico pelo qual estamos passando, com intensos ataques dos governos, cortes de direitos, sucateamento da educação pública, destruição dos serviços públicos, superexploração, assédio, militarização e desvalorização dos educadores, é preciso fortalecer e ampliar o espírito de luta no interior da APP-Sindicato e nas escolas. Para isso, o primeiro passo é devolver à categoria o controle sobre o sindicato.

Junte-se a nós nessa batalha! Nestas eleições sindicais vote “APP de Luta e Pela Base: A mudança que precisamos!”.



APP DE LUTA E PELA BASE:
A mudança que precisamos!

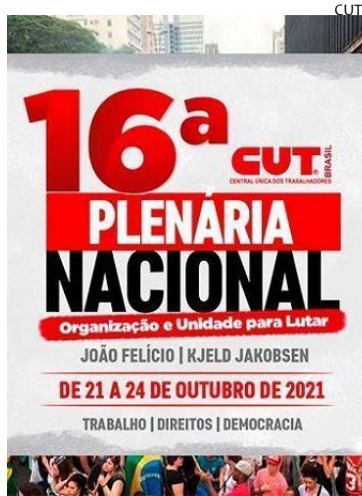
16ª plenária da CUT se nega a seguir a luta contra o governo Bolsonaro

| Bruna dos Reis

Entre os dias 20 e 24/10, cerca de 600 delegados se reuniram na plenária virtual da Central Única dos Trabalhadores (CUT). A programação já dava o tom da linha de continuidade da política de defesa do capital que vem sendo adotada há anos, com Lula fazendo a fala de abertura e uma discussão de conjuntura apresentada por Dilma e Celso Amorim (ex-ministro de Lula, Dilma e Itamar Franco).

Um Lula saudosista dos anos de fundação da Central fez um discurso que pareceu muito combativo e com perspectiva eleitoral, claro. Com sua habitual retórica, era a figura para qual a plenária se destinou. Ao lembrar os combates de classe que a CUT realizou nos anos 1970 e a quantidade de assembleias massivas das quais participou, Lula aproveitou para destacar o papel da conciliação de classes. Trata-se da política defendida pelo PT e pela CUT há anos, de um “Lula Paz e Amor”; porém, paz e amor com a classe inimiga dos trabalhadores. Ele disse que naquela época todos se sentavam para comer juntos, “sem ódio”.

Passando por temas completamente desconectados da luta de classes, Lula se dedicou às “revoluções tecnológicas”, “digitais” e não citou em momento algum a necessidade da maior central da América Latina resgatar as tradições do movimento operário - abandonada pela CUT - e retomar a luta pela revolução proletária. Lula, em determinado momento, chegou a afirmar



que não sabe como a CUT está lidando com os desafios da conjuntura.

No dia seguinte, foi a vez de Dilma reforçar as já usuais mentiras. Para ela, o governo Bolsonaro representa a destruição do Estado como um provedor de direitos, e que foi nos governos petistas que se popularizou a medicina!

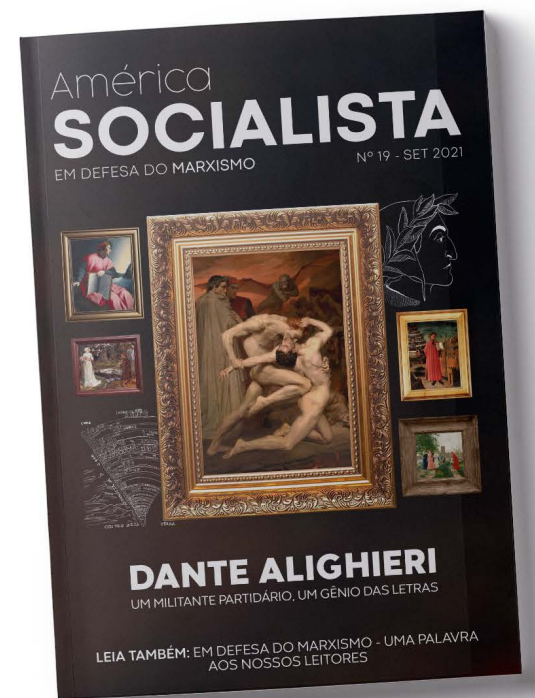
A principal tarefa da 16ª plenária da CUT deveria ser discutir como derrubar Bolsonaro já e não servir de palanque eleitoral para alimentar falsas esperanças de que tudo se resolverá nas eleições de 2022. Desde o início, a CUT, o PT, demais partidos e sindicatos que representam a classe trabalhadora se colocaram contra a palavra de ordem “Fora Bolsonaro!”, recusando-se a defender os interesses reais dos trabalhadores quando a pandemia atingiu o Brasil. Tanto que se negam até agora. O papel da CUT deveria ser o de canalizar o ódio que a classe está sentindo por ver seus familiares morrendo por Covid-19, pelo desemprego crescente, pelos aumen-

tos dos preços que levam alguns a terem que pagar por ossos para se alimentar. Mas Lula se recusa a falar o nome de Bolsonaro, assim como evita apontar o real caminho para enfrentar esse governo.

Fato é que hoje a classe trabalhadora está completamente descolada dessa Central que deveria ser sua direção política. E isso é feito propositalmente pela burocracia sindical alojada na direção por décadas. O próprio processo de construção da 16ª plenária já começa errado na base. Muitos delegados não foram eleitos, mas distribuídos entre as forças políticas. Foi o caso do Sinte-SC, cuja direção resolveu não eleger os delegados em uma assembleia da categoria, evitando como sempre o debate político com a base. A Esquerda Marxista esteve presente na plenária, com um delegado que “teve direito” e registrou na ata da reunião a nossa contrariedade ao método antidemocrático adotado. Participamos das etapas regionais e estaduais, mas na plenária nacional tivemos o direito de fala negado. Após longos discursos das forças políticas da direção, vinte falas de dois minutos foram “disponibilizadas” aos participantes, mas as correntes de oposição não tiveram suas inscrições acolhidas.

Aos marxistas, cabe a tarefa de combater ao lado da classe trabalhadora, que não irá apenas engolir as constantes traições de suas direções e organizações históricas, mas que irá tomar as ruas e o destino da sociedade em suas mãos.

A REVISTA AMÉRICA SOCIALISTA EM DEFESA DO MARXISMO 19 JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!



CLIQUE PARA ADQUIRIR OU ACESSE

WWW.LIVRARIAMARXISTA.COM.BR

Joinville discutirá artigos da revista *América Socialista* 19

| Chico Aviz

A revista teórica *América Socialista - Em Defesa do Marxismo* é o periódico semestral que consolida a divulgação das ideias do marxismo com absoluta independência de classe. Nesta 19ª edição, a revista foi remodelada passando a ser traduzida para inúmeros idiomas e publicada em todo o mundo. Para amplificar esse rico material em Joinville, a *Liberdade e Luta* e a *Esquerda Marxista* farão atividades presenciais no próximo final de semana, dias 6 e 7 de novembro.

No último dia 23 de outubro a *Liberdade e Luta* realizou sua Conferência Nacional, mobilizando mais de 200 jovens pelo país que se inscreveram nesse importante evento no qual foram eleitas resoluções para a juventude trabalhadora, secundarista e universitária, além da nova Coordenação Nacional da organização estudantil. Em Joinville, a construção dessa conferência contou com 36 jovens dispostos a conhecer a teoria revolucionária da classe trabalhadora, estudá-la e intensificar a luta contra o governo Bolsonaro e o capitalismo.

Por isso, a primeira atividade após a Conferência Nacional da *Liberdade e Luta* também será nosso

primeiro encontro presencial desde o início da pandemia de Covid-19, a partir de todos os cuidados sanitários necessários, a fim de que possamos manter acesa esta chama revolucionária. Para tanto, essa atividade que acontecerá no Museu de Arte de Joinville, no dia 7 de novembro, às 16h, terá como tema “Marxismo versus Pós-modernismo”, baseado no artigo homônimo dos camaradas da *Corrente Marxista Internacional* Daniel Morley e Hamid Alizadeh.



Esse é o segundo artigo que compõe a revista teórica e cumpre o papel excepcional de destrinchar e analisar a filosofia pós-moderna, a partir da perspectiva marxista. O texto retoma as origens históricas da filosofia e combate a influência da pós-modernidade dentro e para além dos muros da academia, teoria essa que afeta frontalmente a juventude com o intuito bur-

guês de dividir e distrair as novas gerações na luta contra o sistema de miséria que é o capitalismo. Convidamos todos os jovens a somarem ao nosso bloco no MAJ para uma séria discussão sobre este tema que necessita de todo o esforço para sua compreensão.

No dia anterior, dia 6 de novembro, às 16h, a *Esquerda Marxista* realizará a discussão sobre o artigo “Dante Alighieri: um militante partidário, um gênio das letras”, produzido pela camarada Maritania Camargo, que também apresentará a vida e obra deste gigante da humanidade. Para participar dessa atividade você precisa se [inscrever neste link para receber mais informações](#) do local de encontro.

Construa conosco essas atividades e junte-se a nós, para que juntos possamos realizar mais atividades acerca desse material fundamental para a formação política e teórica em defesa do marxismo e da revolução.



Conheça os Círculos de Leitura do Marxismo

| Pedro Henrique Corrêa

Pesquisas recentes mostram que existe, em todo o mundo, um enorme interesse da juventude pelo comunismo. Esse interesse se expressa na crescente busca por referências teóricas em youtubers e cursos on-line sobre teoria

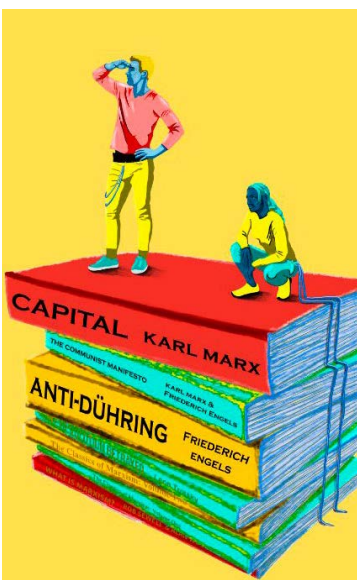
marxista. Em um mundo em franca decadência econômica e política, as teorias pós-modernistas impulsionadas a partir das universidades estão perdendo sua força.

Reconhecendo essa situação, a *Liberdade e Luta* do Rio

de Janeiro e do Nordeste está realizando reuniões quinzenais voltadas à leitura e discussão de obras clássicas do marxismo: os Círculos de Leitura do Marxismo. Inspirada em experiências de sucesso realizadas no Reino Unido pela *Marxist*

Student Federation, o objetivo da *Liberdade e Luta* é criar espaços para debates teóricos de alto nível, conectando sempre o marxismo às tarefas políticas da luta pelo socialismo.

O próximo encontro dos Círculos de Leitura do Marxismo será realizado no dia 9 de novembro, às 19h30. O evento será on-line, gratuito e aberto. Nele, será analisada a decadência do capitalismo através da série mais vista na história da Netflix, *Round 6*. Para participar, basta realizar sua [inscrição aqui](#) e aguardar o link de acesso.





Grã-Bretanha: Um “espectro” ronda as universidades

| Esquerda Marxista

O período da recepção dos novos calouros na Grã-Bretanha foi um sucesso incrível para a Federação de Estudantes Marxistas (MSF, na sigla em inglês) que tomou os campi de assalto, recrutando um recorde de 3.487 pessoas para sociedades marxistas em 48 universidades.



A atual crise do capitalismo é a mais profunda da história. A burguesia está atacando implacavelmente a classe trabalhadora. Os jovens trabalhadores foram os mais atingidos durante a pandemia, levando à maior taxa de desemprego juvenil em mais de cinco anos. Os flagelos do racismo, machismo e a opressão LGBT continuam a se espalhar pela sociedade. E, além disso, o planeta caminha para danos catastróficos ao clima.

Tudo isso contribuiu para uma radicalização massiva entre estudantes e jovens que buscam uma explicação para o atual sistema de crise.

Estado de ânimo elétrico

Os resultados das atividades da MSF no último mês mostram que milhares estão procurando lutar por mudanças e se organizar

em torno de ideias revolucionárias.

A empolgação e o entusiasmo vistos nas bancas e nas reuniões dos calouros da sociedade marxista foram eletrizantes. E isso se traduziu em uma presença maior do que nunca da MSF nas universidades do Reino Unido. Nas últimas semanas, as sociedades marxistas receberam muitas inscrições, chegando pela primeira vez em 12 novas universidades, incluindo *University of East London (UEL)*, *University of the Arts London (UAL)*, *Nottingham Trent University*, *Leeds Beckett University*, *University of Lincoln* e *University of Westminster*.

Muitos dos inscritos já se autodenominam marxistas e revolucionários. Eles chegaram com sede de teoria e ideias e estão ansiosos para se juntar aos grupos de leitura que as sociedades estão organizando como parte da campanha #ReadMarx (Leia Marx).

Camaradas da *Cambridge Marxist Society* relataram algo semelhante:

“É claro que muitos estudantes estão se voltando para conclusões mais revolucionárias. Os novatos estão ansiosos para aderir. Nossa primeira reunião estava lotada, com mais de 40 presentes e mais de 15 pessoas se inscre-

veno em um grupo de leitura do Manifesto Comunista.”

“Este é o melhor começo de trimestre na história da sociedade marxista de Cambridge e abrirá o caminho para um ano incrível de educação e ação revolucionária!”

Em Oxford, camaradas relataram que as pessoas estavam procurando especificamente a MSF na feira dos calouros, com os alunos mencionando que já sabiam sobre a Corrente Marxista Internacional. Muitos estavam perguntando especificamente sobre planos para grupos de leitura de textos marxistas clássicos.

A formação nas sociedades marxistas inclui discussões completas sobre os textos de Marx, Engels, Lenin e Trotsky. E a paixão pela teoria ficou evidente com as vendas de livros, panfletos e jornais, com mais de mil libras em materiais sendo vendidos por todo o país nas últimas semanas. Tudo isso para financiar a produção de mais recursos educativos.

Marx estava certo!

Todas as sociedades marxistas já tiveram suas primeiras



reuniões. A maioria delas foi sobre os tópicos “*O que é o marxismo?*” Ou “*Por que Marx estava certo?*”.

Os camaradas relataram comparecimento incrível de 40 a 70 pessoas em muitas das reuniões organizadas, com excelentes discussões políticas cobrindo uma série de questões. No geral, o resultado foi de quase mil alunos participando de eventos da MSF na Grã-Bretanha.

Lute pelo socialismo

E isso é apenas o começo. As sociedades marxistas em todo o país têm muito mais discus-

sões políticas, grupos de leitura e atividades planejadas para o resto do trimestre.

No momento, estamos celebrando o Mês da História Negra – não de uma forma liberal e simbólica, mas, sim, discutindo concretamente como nos unir e lutar contra o racismo. E em novembro celebraremos a Revolução Russa, discutindo os eventos inspiradores de 1917 e sua relevância para os dias de hoje.

A MSF também se unirá aos funcionários dos campi para apoiar suas greves, organizar a solidariedade estudante-trabalhador e defender a educação.

